

Consumo de drogas ilícitas e factores de risco em adolescentes em meio escolar *

MANUELA FLEMING / EURICO FIGUEIREDO / SELENE VICENTE / ALDA SOUSA **

1. INTRODUÇÃO

Vários factores estimularam e contribuíram para o desenvolvimento e interesse crescente pela investigação e estudo do consumo de drogas em amostras não clínicas, de adolescentes inseridos em meio familiar e escolar, e em amostras clínicas de adolescentes em tratamento: a preocupação com a saúde e o bem-estar físico, o desenvolvimento da noção de saúde psicológica e, sobretudo, a necessidade da intervenção primária como estratégia de intervenção mais eficaz ao nível da toxicodependência. Investigações de natureza epidemiológica centraram-se na definição de grupos de risco e têm procurado caracterizar, de um ponto de vista sociodemográfico, populações de consumidores ocasionais e regulares de droga no sentido de evidenciarem factores etiológicos ou prognósticos que permitam elaborar programas de prevenção eficazes. Alguns desses trabalhos foram realizados em Portugal por nós próprios (Fleming, M. & Machado Vaz, 1981) e outros autores (M. Mendonça, 1977; Dias, C., 1980; publicações no âmbito dos C.P.E.D.).

As variáveis-alvo mais frequentemente abordadas pelos diversos estudos para a construção do perfil

sociodemográfico, referem-se ao sexo, idade, sucesso/insucesso escolar, composição e posição social do anel familiar do jovem consumidor.

A idade é dos factores demográficos talvez o mais estável e clinicamente importante correlacionado com o consumo de droga. O comportamento de consumo de droga surge, em muitos trabalhos, quer com amostras clínicas quer com amostras não clínicas, como um comportamento precoce apresentando uma incidência elevada na faixa etária entre os 18 e os 25 anos (Miller & Crisin, 1980). O sexo masculino tem surgido tradicionalmente como maior consumidor do que o sexo feminino (Fleming, M. & Machado Vaz, 1981; Dias, C., 1980; Mendonça, M., 1977; Hager et al; Smart & Fejer, 1972; Matchett, 1971) e diversas investigações continuam actualmente a apresentar os rapazes com uma prevalência de consumo superior à das raparigas (Johnston et al., 1981). No entanto, as diferenças entre sexos são tendencialmente menores (Wechsler & McFadden, 1976), sobretudo na população estudantil (Fréjaville et al., 1977). Uma grande maioria apresenta dificuldades ao nível do aproveitamento escolar, retirando menor satisfação e interesse deste tipo de actividades, e envolvendo-se em conflitos com a escola e professores (Kovach, J.; Glickman, N.; 1986). As expectativas do consumidor esporádico e regular assim como o seu investimento nesta área, são reduzidos o que conduz frequentemente ao abandono dos estudos. O nível de formação atingido, quase sempre se limita ao ensino secundário (Fréjaville et al., 1977) embora a maioria não o complete (Fleming, M. & Machado Vaz, 1981;

* Investigação subsidiada pela C.I. da Reitoria da Universidade do Porto (Projecto n.º 110/86/87).

** Manuela Fleming, Licenciada em Psicologia, ICBAS, Universidade do Porto; Eurico Figueiredo, Professor Catedrático, ICBAS, Universidade do Porto; Sylene Vicente, Licenciada em Psicologia; Alda Sousa, Assistente convidada, Sector de Bio-Estatísticas, ICBAS.

Dias, C., 1980). A auto-avaliação que o adolescente faz de si próprio parece, no entanto, não estar directamente associada ao comportamento de consumo de droga como sugerido pela literatura da década passada (Lettieri and Luddford, 1981). Apesar dos conflitos permanentes e do insucesso escolar, o adolescente consumidor sente-se bem nos contactos sociais com os amigos.

Dado o seu papel fundamental, as variáveis familiares têm sido um alvo privilegiado de estudo. A relação entre consumo de droga e dinâmica familiar tem sido enfatizada na literatura recente, da qual destacaremos aqui algumas evidências empíricas mais consentâneas.

A história da vida do consumidor reveste-se de um forte elemento de perda e de separação (Dias, C., 1980; Haaglund, Tor-Bjorn; Kari Pylkanen, 1977) e nós próprios em estudo anterior (1981), confirmamos a hipótese de que o toxicodependente sofreu traumas significativos na infância relativamente aos pais. Os dados obtidos nestes trabalhos, confirmam o ponto de vista de Winnicott (1956) de que as tendências anti-sociais pressupõem privação, sobretudo em relação às figuras parentais.

Coleman et al. (1986) investigam no seu trabalho o papel da morte, perda e separação no ciclo de vida em famílias de heroinomanos, doentes psiquiátricos e estudantes universitários. Constatam que os toxicodependentes — em relação aos não toxicodependentes — foram mais vezes separados da sua família durante a infância e a adolescência; há uma grande tendência para a vivência de uma separação prolongada da mãe ou mesmo de toda a família. Como resultado da separação — morte, divórcio, questões profissionais, ... — muitos dos adolescentes são forçados a crescer num meio em que um ou ambos os pais estão ausentes a maior parte do tempo (Hartmann, 1969; Brauchet et al., 1973; Bralter, 1975; Dias, C., 1980). Em 1977, Fréjaville et al. concluem do inquérito nacional realizado em França (1971/1972), nos Centros de Toxicodependência, que a maior parte dos consumidores regulares vivem sozinhos ou com amigos, mas afastados da família. Verifica-se, numa amostra não clínica, que os adolescentes que vivem sozinhos têm um consumo de droga superior ao daqueles que vivem com os pais (Miller & Crisin, 1980); os adolescentes que vivem com ambos os pais têm menos tendência a consumir droga do que aqueles que vivem apenas com um deles (Amoateng et al., 1986).

A maior parte das investigações neste domínio referem uma incidência elevada de situações de crise e de ruptura nas famílias dos toxicodependentes e nas dos consumidores esporádicos (Brauchet et al., 1973; Johnston, 1973; Tec, 1974; Cannon, 1976; Castro S. et al., 1985). Muitas destas famílias são desarmoniosas (Blum et al., 1970; Bahnson, 1972), criam um «vácuo» e um isolamento não havendo suporte afectivo entre os seus membros (Jensen, 1972; Cooper & Olson, 1977) o que leva frequentemente à ruptura — divórcio, separação (Sedlin, 1972; Chein et al., 1964; Blum et al., 1972; Cannon, 1976). No entanto, a situação é mais complexa e a existência de relações familiares perturbadas é frequente (Kaufman, Edward; Borders, Linda; 1984). A abordagem psicanalítica da família do toxicodependente tem incidido em particular nestes padrões de interacção desadaptados e na sua correlação com o comportamento de consumo de droga (West, et al., 1987). Stanton e Todd (1982) sugerem que o comportamento de consumo de droga tem uma função protectora e estabilizadora da família. São famílias com um tipo de comunicação rígido, com elevado grau de interdependência e um grande medo de separação (Stanton & Todd, 1982). As relações entre os membros assumem características específicas; alguns autores definem um perfil relacional mãe-filho (Ganger, Shugart, 1966; Torda, 1968) quase sempre presente: mãe superprotectora com tendência a estabelecer uma relação simbiótica com o filho. A díade mãe-filho é muito forte o que coloca o pai numa posição periférica (Schwartzman, 1975). O pai é uma figura emocionalmente distante, frequentemente ausente e desinteressado pelo meio familiar (Harbin & Maziar, 1975), o que não favorece a aprendizagem de papéis importantes para a adaptação social e estabilidade emocional (Jurich et al., 1985). A relação do casal é distante e pontuada de conflitos (Kaplan & Meyerowitz, 1970; Streit & Olivier, 1972; Tolone & Dermott, 1975; Barnes, 1977). O casal é capaz de negociar a sua intimidade e de resolver os seus problemas o que transforma esta relação diádica instável numa relação triádica mais estável (pai-mãe-adolescente). Alguns autores salientam como factor de risco para o comportamento de consumo de droga a inconsistência relativa ao tipo de disciplina utilizada, o que origina problemas ao nível da definição da identidade dos jovens (Jurich et al., 1985). As regras estão pouco definidas (Sloboda, 1974) e a comunicação é simultaneamente do tipo «laissez-faire» e «autoritário».

O estudo do nível socioprofissional dos pais, realizado por Fréjaville et al., com base num inquérito nacional (1971-1972) a consumidores regulares de droga, evidenciou uma percentagem elevada de inactivos (desempregados, inválidos, reformados, internados em hospital psiquiátrico, ...); algumas investigações encontram correlações significativas entre o consumo de droga e a taxa elevada de desemprego do pai (Pritchard C. et al., 1986); por outro lado, muitos autores encontram nos seus trabalhos uma sobre-representação de grupos sócio-económicos mais favorecidos (Dias, C., 1980; Fleming & Machado Vaz, 1981; Fréjaville et al., 1977). Constataram que a proporção de pais (do sexo masculino) pertencentes a quadros superiores e profissões liberais era duas vezes superior à constatada na população geral. Uma grande parte eram industriais e comerciantes. Em relação às mães, encontraram uma grande proporção pertencente a quadros superiores e posições de chefia mas sobretudo quadros médios. Há uma sub-representação de mães operárias e agricultoras e uma proporção elevada de mães pertencentes ao pessoal de serviços. Fréjaville et al. salientam que os filhos de mães desta categoria profissional constituem um grupo em risco. No entanto, Miller e Rittenhouse em 1980 concluem, da sua investigação com amostras não clínicas, que o estatuto sócio-económico e situação profissional da mãe não têm influência no consumo de droga dos filhos.

Prendergast T. J. (1974) põe em evidência a correlação entre o nível de instrução elevado dos pais e a utilização de marijuana pelos filhos.

A família tem pois uma influência fundamental no desencadear e no desenvolvimento do comportamento de consumo de droga, mas há ainda a considerar factores intrapessoais. O estudo da relação posição na fratria e consumo de droga não revelou nada de significativo (Fréjaville et al., 1977). Outros autores encontram uma incidência elevada de toxicodependentes em famílias com dois filhos (Dias, C., 1980) e sugerem como factor de risco famílias numerosas (Fleming & Machado Vaz, 1981). De qualquer modo, os traços de personalidade, necessidades, valores e expectativas do adolescente consumidor têm também um papel importante.

A toxicodépência é um fenómeno multideterminado em que variáveis sociais e psicológicas interagem e criam a susceptibilidade individual para o envolvimento na droga. A maior parte da investigação empírica tem, no entanto, como vimos, privile-

giado o estudo do fenómeno a partir de populações identificáveis como consumidores. Mas encontraremos as mesmas configurações de variáveis associadas ao fenómeno, em populações de adolescentes cujo contacto com a droga é ainda esporádico ou não revelado e em que o pedido de ajuda não existe?

O presente estudo tem por objectivo a caracterização sociodemográfica de uma população de adolescentes, estudantil, integrada portanto em ambiente familiar e escolar e fazendo uso de drogas ilícitas. Utilizamos uma metodologia de auto-relato que se baseia em dados fornecidos pelo próprio adolescente quanto ao seu contacto com a droga.

Numa linha de intervenção primária, este trabalho surge da necessidade de uma abordagem compreensiva, multivariada, dos factores associados ao comportamento de consumo de droga numa população não clínica, de modo a que possam ser identificados grupos em risco.

MÉTODO

1. Amostra

Partimos de uma amostra estabelecida a partir do universo total de estudantes do ensino oficial, ciclo preparatório e secundário, com mais de 12 anos de idade e frequentando os oito estabelecimentos de ensino do concelho de Matosinhos, no ano de 1984/85.

A amostra, construída segundo critérios de representatividade, é constituída por 994 sujeitos, 51% de rapazes e 49% de raparigas, apresentando a seguinte distribuição por idades e por escolas:

Distribuição por idades

IDADE	n	%
12 anos	307	31
13 »	242	24
14 »	135	14
15 »	109	11
16 »	77	8
17 »	64	6
18 »	41	4
19 »	19	2
Total	994	100

Distribuição por escolas

ESCOLAS	n	%
Preparatória S. Mamede	65	7
» Leça	118	12
» Matosinhos (A. Nobre)	85	9
» Senhora da Hora	162	16
Secundária N.º 2	239	24
» Leça	59	6
» Padrão	174	18
» N.º 1	92	9
Total	994	100

2. Procedimento

O trabalho que agora apresentamos insere-se numa investigação mais ampla destinada ao estudo de várias problemáticas adolescentes.

Usamos nessa investigação, como instrumento, o questionário anónimo, individual, autopreenchido e passado em situação escolar. O questionário continha várias partes, interessando para este estudo, os itens sociodemográficos sobre a sua família.

A variável «uso de droga» insere-se num conjunto de itens sobre as «Perturbações do Comportamento». O adolescente é solicitado a dar nesse item de escolha múltipla, uma resposta entre várias alternativas: «nunca usei», «usei, mas já há muito tempo», «usei este ano ou no ano passado» e nesta alternativa é solicitado a dizer com que intensidade: «uma vez», «algumas vezes» e «muitas vezes».

RESULTADOS

Entende-se neste trabalho por «consumo de droga» toda a situação em que o adolescente faz (ou fez recentemente) uso esporádico ou regular de drogas ilícitas. Com vista ao estudo deste fenómeno, procedeu-se à análise das diferenças estatisticamente significativas entre a população de adolescentes com consumo de droga e sem consumo de droga. A análise da associação entre o comportamento de consumo de droga e outras variáveis relativas ao adolescente e sua família, foi realizada através do Teste de X^2 entre as duas amostras: experimental e de controlo. A amostra experimental é constituída por todos os sujeitos com «consumo de droga» e a

amostra controlo é constituída por todos os sujeitos que nunca tiveram contacto com nenhuma droga ilícita.

INCIDÊNCIA

Verifica-se que a incidência do comportamento de consumo de droga em adolescentes inseridos em meio escolar, é relativamente baixa. Apenas 4% ($n = 41$) dos sujeitos revelam consumir substâncias psicoactivas e destas as mais consumidas são a liamba e o haxixe. Apenas 5 adolescentes dizem ter contacto com os narcóticos e destes apenas 2 dizem consumir diariamente.

O álcool, substância também incluída no nosso questionário, é sem dúvida a substância psicoactiva mais consumida: 51% dos sujeitos ($n = 501$) têm contacto actual com o álcool, mas o estudo dessa variável não foi contemplado no trabalho que aqui apresentamos.

ASSOCIAÇÃO ENTRE O COMPORTAMENTO DE CONSUMO DE DROGA E OUTRAS VARIÁVEIS RELATIVAS AO ADOLESCENTE E SUA FAMÍLIA

A — Variáveis relativas ao adolescente

QUADRO 1

Associação entre o comportamento de consumo de droga, o sexo e a idade do sujeito

VARIÁVEIS	X^2	G.L.	P
Sexo	1.502	1	.2203 N.S.
Idade	59.259	3	.0000 ***
	50.932(*)	1	.0000 ***

(*) Teste de Tendência Linear.

N.S. — $p > .05$; * — $p < .05$; ** — $p < .01$; *** — $p < .001$

Não se verificam diferenças significativas entre os rapazes e as raparigas relativamente ao comportamento de consumo de droga. No entanto, a associação com a variável idade é altamente significativa: a proporção de sujeitos que consome droga aumenta com a idade.

QUADRO 2

Associação entre o comportamento de consumo de droga, o insucesso escolar e a auto-avaliação do sujeito

VARIÁVEIS	X ²	G.L.	P
Insucesso Escolar	.272	1	.6020 N.S.
Auto-Avaliação	7.018	2	.0299 *

N.S. — $p > .05$; * — $p < .05$; ** — $p < .01$; *** — $p < .001$

O rendimento escolar — sucesso/insucesso — não é perturbado pelo comportamento de consumo de droga do adolescente.

No entanto, já se verifica a existência de uma associação significativa com a variável auto-avaliação — o adolescente que consome droga auto-avalia-se de uma forma mais negativa («Mau») do que aquele que não a utiliza.

B — Variáveis relativas à família

QUADRO 3

Associação entre o comportamento de consumo de droga, a inserção e a composição do anel familiar

VARIÁVEIS	X ²	G.L.	P
Inserção Familiar	3.405	1	.0605 N.S.
Sit. Conjugal dos Pais	(^b)		.6767 N.S.
Ausência de um/ambos os Pais por Falecimento	(^b)		.0273 *

(^b) Teste de Fisher.

N.S. — $p > .05$; * — $p < .05$; ** — $p < .01$; *** — $p < .001$

O comportamento de consumo de droga não se associa significativamente com a situação conjugal dos pais e com a inserção familiar do adolescente. Há no entanto uma tendência dos jovens que se drogam para viverem com outros e não com os pais.

Por outro lado, a proporção de sujeitos que consomem droga é significativamente maior nas situações de ausência de um ou ambos os pais por falecimento.

O comportamento de consumo de droga não está associado significativamente ao grau de instrução e à situação face ao trabalho dos pais do adolescente. Relativamente ao estatuto sócio-económico, apesar da associação também não ser relevante para o comportamento em questão, constata-se um aumento da proporção de sujeitos que se drogam à medida que o estatuto socio-económico da mãe diminui.

CONCLUSÕES

De um modo geral, constatamos que os dados obtidos na nossa investigação confirmam os de estudos anteriores que recorreram igualmente a amostras não clínicas (Kovach; Glickman, Nita W.; 1986; Miller & Crisin, 1980). Por outro lado, a configuração de variáveis associadas ao fenómeno da toxicod dependência é semelhante, ainda que atenuada, à encontrada por nós próprios e outros autores em populações de adolescentes cujo contacto com a droga é ainda esporádico ou não revelado, e em que o pedido de ajuda não existe.

A idade constitui de facto um factor demográfico estável correlacionado com o consumo de droga. A proporção de sujeitos que consomem droga aumenta com a idade atingindo uma incidência elevada na faixa etária entre os 18 e os 25 anos. A precocidade deste comportamento é um dos pontos essenciais que devemos ter em conta numa acção preventiva. As diferenças entre sexos são actualmente menores — ou praticamente inexistentes — relativamente a estudos anteriores inexistentes o que sugere uma generalização do comportamento.

O consumo de droga parece não afectar o rendimento escolar do consumidor esporádico, embora seja responsável por uma auto-avaliação mais negativa. Já no toxicod dependente, como verificamos na literatura, o insucesso escolar é mais evidente embora a sua auto-imagem não seja percebida negativamente.

QUADRO 4

Associação entre o comportamento de consumo de droga e a posição social dos pais

VARIÁVEIS	X ²	G.L.	P
PAI	(^b)		.7160 N.S.
• Sit. Face ao Trabalho	.902	2	.6370 N.S.
• Estatuto S.E.	.900 (^b)	1	.3427 N.S.
	6.666	3	.0833 N.S.
• Grau de Instrução	6.112 (^b)	1	.0134 *
MÃE			
• Sit. Face ao Trabalho	.359	1	.5490 N.S.
• Estatuto S.E.	7.017	3	.0713 N.S.
	4.043 (^b)	1	.0444 *
• Grau de Instrução	1.090	1	.2964 N.S.

(^a) Teste de Tendência Linear.

(^b) Teste de Fisher.

N.S. — $p > .05$; * — $p < .05$; ** — $p < .01$; *** — $p < .001$

As variáveis familiares funcionam, com efeito, como factores etiológicos ou prognósticos importantes na identificação de grupos em risco. Verifica-se uma tendência para a desagregação e dissociação familiar, o que impõe ao jovem uma vivência de separação e de ausência de um ou de ambos os pais (morte, divórcio, questões profissionais); consequentemente, dá-se um afastamento da família e o adolescente passa a viver sozinho ou com amigos o que favorece o consumo de droga.

No nosso estudo encontramos menor número de correlações significativas entre a posição social dos pais (grau de instrução, estatuto sócio-económico) e o comportamento de consumo de droga do que em amostras clínicas. Uma vez que se trata de uma amostra não clínica de consumidores esporádicos, o peso desta variável pode não ser tão marcado como acontece em amostras de toxicodependentes. No entanto, constata-se que o estatuto sócio-económico da mãe pode constituir um factor de risco nesta mesma população.

REFERÊNCIAS

- ANGEL, P.; STERNSSCHUSS-ANGEL, S. (1983) — «La Famille du Toxicomane: Revue Critique de la Littérature», in *Psychiatrie de l'Enfant*, Vol. XXVI, 237-255.
- AMOATENG, A. Y.; BAHR, S. J. (1986) — «Religion, Family and Adolescent Drug Abuse. Annual Meeting of the Pacific Sociological Association (1985, Albuquerque New Mexico)», in *Sociological Perspectives*, Jan., Vol. 29 (1), 53-76.
- BOSCH, H.; BICKE, P.; UCHTENHAGEN, A. (1979) — «Family Background of Drug — dependent patients, in relation to their present status», in *Social Psychiatry*, Vol. 14 (1), 41-47.
- CARNEY, P. A.; TIMMS, M. W.; STEVENSON, R. D. (1972) — «The Sociological and Psychological Background of Young Drug Abusers in Dublin», in *British Journal of Addiction*, Sep., Vol. 67 (3), 199-207.
- COLEMAN, S. B.; KAPLAN, J. D.; DOWNING, R. W. (1986) — «Life Cycle and Loss — The Spiritual Vacuum of Heroin Addiction», in *Family Process*, 25: 5-23.
- CASTRO, S.; MARIA, E.; ORTIZ, C. A.; CAUDILLO, H. C.; CHAVEZ, H.; ANA, M. (1985) — «Alteraciones Cognitivas y Problemática Psicossocial Asociadas con el Consumo de Drogas», in *Salud Mental*, Dec., Vol. 8 (4), 74-79.
- DETTING, E. R.; BEAUVAIS, F. (1986) — «Peer Cluster Theory: Drugs and the Adolescent», in *Journal of Counseling & Development*, Se., Vol. 65 (1), 17-22.
- DUNCAN, D. F. (1978) — «Family Stress and the Initiation of Adolescent Drug Abuse: A Retrospective Study», in *Journal of Behavior Technology, Methods & Therapy*, Vol. 24 (3), 111-114.
- DIAS, C. A. (1980) — «A Influência Relativa dos Factores Psicológicos e Sociais no Evolutivo Toxicómano». Dissertação de Doutoramento. Coimbra.
- FRÉJAVILLE, J.; DAVIDSON, F.; CHOQUET, M. (1977) — «Les Jeunes et la Drogue». *Presses Universitaires de France*.
- FLEMING, M.; MACHADO VAZ, J. (1981) — «Elementos para uma caracterização da população utente do Centro de Estudos da Profilaxia da Droga/Norte». *Psicologia*, II, 4: 393-402.
- GARCÍA MAS, M.-P. (1985) — «La Juventude y el Consumo de Drogas», in *De Juventud: Revista de Estudios y Investigaciones*, Mar, n.º 17, 39-62.
- HARBIN, H. T.; MAZIAR, H. M. (1975) — «The Families of Drug Abusers: A Literature Review», in *Family Process*, 14: 411-431.
- HAWKINS, J. D.; LISHNER, D. M.; CATALANO, R. F. (1985) — «Childhood Predictors and the Prevention of Adolescent Substance Abuse». National Institute on Drug Abuse, *Research Monograph Series*, no. 56, 75-126.
- HANDLARZ, M. C. et al. (1976) — «The Addict and His Family: A Contribution to their Study», in *Acta Psiquiátrica y Psicología*, América Latina, Dec, Vol. 22 (4), 289-294.
- HAGGLUND, T.-B.; PYLKKANEN, K. (1977) — «Deprivation in Adolescent Drug Abuse», in *Psychiatria Fennica*, 109-117.
- JURICH, A. P.; POLSON, C. J.; JURICH, J. A.; BATES, R. A. (1985) — «Family Factors in the Lives of Drug Users and Abusers», in *Adolescence*, Vol. XX, no. 77, Spring.
- KOVACK, J. A.; GLICKMAN, N. W. (1986) — «Levels and Psychosocial Correlates of Adolescent Drug Use», in *Journal of Youth and Adolescence*, Vol. 15, no. 1.
- KLINGE, V.; PIGGOTT, L. R. (1986) — «Substance Use by Adolescent Psychiatric Inpatients and their Parents», in *Adolescence*, Vol. XXI, no. 82, Summer.
- KLAGSBURG, M.; DAVIS, D. I. (1977) — «Substance Abuse and Family Interaction», in *Family Process*, Vol. 16 (2): 149-173.
- KAUFMAN, E.; BORDERS, L. (1984) — «Adolescence Substance Abuse in Anglo-American Families», in *Journal of Drug Issues*, Spr., Vol. 14 (2), 365-377.
- KAROLY, P.; STEFFEN, J. J. (1984) — «Adolescent Behavior Disorders: Foundations and Contemporary Concerns». Vol. 3, Lexington Books.

NORWOOD, G. R. (1985) — «A Society that Promots Drug Abuse: The Effects on Pre-Adolescence. Special Issue: Emerging Adolescents: Their Needs and Concerns», in *Chilhoos Education*, Mar-Apr., Vol. 61 (4), 267-271.

OETTING, E. R.; BEAUVAIS, F. (1987) — «Peer Cluster Theory, Socialization Characteristics, and Adolescent Drug Use: A Path Analysis», in *Journal of Counseling Psychology*, Apr., Vol. 34 (2), 205-213.

PRITCHARD, C.; FIELDING, M.; CHOUDRY, N.; COX, M. et al. (1971) — «Incidence of Drug and Solvent Abuse in "Normal" Fourth and Fifth Year Comprehensive School Children: Some Socio-Behavioral Characteristics», in *British Journal of Psychiatric*, Apr., Vol. 118 (545), 469-470.

ROSENBERG, C. M. (1971) — «The Young Addict and His Family», in *British Journal of Psychiatry*, Apr., Vol. 118 (545), 469-470.

Relatório do *National Institute on Drug Abuse* — *Division of Resource Development*, «Family Therapy: A Summary of Selected Literature», Dhew Publication, 1980.

STANTON M. D. (1979) — «Famiglia e Tossicomania», in *Terapia Familiare*, n.º 6, Dicembre.

SUNGH, S. (1981) — «Adolescent Drug-Abuse and Family Environment», in *Indian Journal of Clinical Psychology*, Sep., Vol. 8 (2), 151-155.

THORNE; DE BLASSIE (1985) — «Adolescent Substance Abuse», in *Adolescence*, Vol. XX, no. 78, Summer.

WELLISCH, D. R. (1984) — «Drug Problems in Children of the Wealthy and Famous», in *Journal of Drug Issues*, Spr., Vol. 14 (2), 233-242.

WEST, J. D., HOSIE, T. W., and ZARSKI, J. J. (1987) — «Family Dynamics and Substance Abuse: A Preliminary Study», in *Journal of Conseling and Development*, May, Vol. 65.

WHITEHEAD, P. C.; LAFOREST, L. (1971) — «Observations Relative to Broken Homes and the Abuse of Drugs», in *Toxicomanies*, Apr., Vol. 4 (2), 199-203.

RESUMO

O presente trabalho tem por objectivo a identificação de factores de risco na área do consumo de drogas ilícitas numa população não clínica de adolescentes (994 sujeitos: 51% rapazes, 49% raparigas), integrados em ambiente familiar e escolar. Os dados recolhidos, segundo uma metodologia de auto-relato, confirmam as sugestões da literatura que os autores revêem, relativas à configuração de variáveis — individuais, familiares — associada ao comportamento de consumo de droga em amostras não clínicas. Os resultados obtidos põem em evidência a importância das variáveis idade, auto-avaliação do rendimento escolar, dissociação do anel familiar por ausência de um ou ambos os progenitores, grau de instrução do pai e estatuto socioprofissional da mãe, e contribuem para a fundamentação de estratégias preventivas em meio escolar.

SUMMARY

The main purpose of this study was to identify important factors to adolescent additive behavior for illicit drugs. The sample of this study comprised 994 subjects (51% males, 49% females) living with family and attending regular schools.

The results of this study appear to confirm data from previous published investigation and the analyses of data emphasis the relevance of the following variables: age, self-perception about school performance, family disruption, father's education level and mother's socio-professional status. These findings may help in planning any future prevention strategies in school settings.